

grupos: amigos de Portugal, os elementos avançados; e inimigos seus, os reaccionários de todas as facções. Darão estas duas forças a batalha definitiva? Madrid, 23 de julho de 1915

R. MERINO GRACIA

PALAVRAS DE OIRO

Duma carta de Victor Hugo aos membros do Congresso da Paz, realizado em Lausana em Setembro de 1869:

Concidadãos dos Estados Unidos da Europa,

Desde esta data significais a quem de direito que a guerra é má, que o assassinato mesmo glorioso, fanfarrão e régio, é infame, que o sangue humano é precioso, que a vida é sagrada...

A civilização tende inevitavelmente para a unidade de idioma, para a unidade de metro, para a unidade de moeda e para a fusão das nações na humanidade, que é a unidade suprema. A concórdia tem um sinónimo: simplificação; assim como a riqueza e a vida tem um sinónimo: circulação. A primeira das servidões é a fronteira.

Quem diz fronteira, diz ligadura. Cortai a ligadura, apagai a fronteira, tirai o guarda aduaneiro; tirai o soldado, em outros termos, sede livres, e a paz segue-se.

Quem tem interesse nas fronteiras? Os reis. Dividir para reinar. Uma fronteira implica uma guarita, uma guarita implica um soldado. Não se passa, expressão de todos os privilégios, de todas as proibições, de todas as censuras, de todas as tiranias. Desta fronteira, desta guarita, deste soldado sai toda a calamidade humana.

Sendo a excepção, o rei para se defender precisa do soldado, que por sua vez precisa do assassinato para viver. Aos reis são necessários exércitos, aos exércitos é necessária a guerra. Senão, esvai-se a sua razão de ser. Coisa estranha: o homem consente em matar o homem sem saber porquê. A arte dos déspotas é desdobrar o povo em exército. Uma metade oprime a outra.

As guerras tem todas as espécies de pretextos, mas nunca mais do que uma causa: o exército. Tirai o exército e tirareis a guerra. Mas como suprimir o exército?

Pela supressão dos depotismos.

Os reis só se entendem num ponto: eternizarem a guerra. Cuida a gente que eles questionam: nada disso—ajudam-se uns aos outros. O soldado, repito, precisa de ter a sua razão de ser.

Portanto, vamos ao fim que chamei algures a *ressorção do soldado pelo cidadão*. No dia em que se dê essa recuperação, no dia em que o povo já não tenha fora de si o homem de guerra, esse pior inimigo, o povo ver-se há uno, inteiro, amante, e a civilização chamar-se há harmonia, e terá em si, para criar dum lado riqueza e do outro a luz, essa força—o trabalho, e essa alma—a paz.

(Onde há reis, deve lê-se: todos os reis, todos os senhores de Estado e do Cat. l. Nota da Red.)

No próximo número

O imperialismo moderno

Por DIONIZIO NOR

Os novos apóstolos da força brutal, os mulherengos enlavados e perfumados que se ficam a fazer figura de mata-sete no meio das belas madamas e mandam os proletários para o mata-doiro para glória da monarquia e proveito dos banqueiros, tratam-nos de pacifistas.

Com efeito Nós somos pela paz, mas só com a condição de existir a justiça.

Enquanto houver um só privilegiado a apoiar o privilégio na força brutal, estejam certos os homens de guerra de que não faremos a paz.—E. MALATESTA

GRALHA

No n.º passado, no artigo «Boas e más notícias», é *fracamente*, e não, «francamente», o que se deve ler na frase; «francamente» ajudado por Péricli.

“DEPOIS—QUE SERA?”

Depois da guerra, a paz. Para quem? Para os trabalhadores? Antes da guerra não havia paz, nem a haverá depois para os que são empregados por outros. A vida do salariado é uma luta contínua contra circunstâncias adversas que elle não domina. Nasceu para trabalhar, para viver para o trabalho, não para trabalhar pela vida. A sua luta pela existência ou termina na sepultura ou numa mesquinha pensão por velhice.

Ele combate pela vida. Mas notai a diferença entre o tratamento que lhe é medido e o que é dispensado ao soldado; a diferença entre o homem que combate para si e o que combate pelos outros. O soldado é um herói, benemerito da pátria; bem alimentado, bem vestido, bem abrigado — comparativamente; uma pensão, apenas feito o seu serviço, a qual o habilita a vender o seu trabalho mais barato do que os seus companheiros; sua mulher e sua familia bem vistas quando elle combate longe; cantado pelos poetas e louvado pelos politicos um herói! Mas o trabalhador, de quem depende em tempo de paz e de guerra o bem estar do país — para esse não há pão garantido, não há pensão antes dos setenta, não há fornecimento de roupas, abrigo ou alimento, não há desvelos para sua mulher e filhos; não é de modo algum um herói, mas apenas uma rude, trivial, ébria, estúpida máquina humana, a pôr de lado quando gasta ou quando os tempos estão maus para o patrão. Que para o operário estão os tempos sempre maus. Quem não quereria ser soldado?

Após a guerra, haverá paz e fartura, como nunca houve. Todos serão felizes; os negócios prosperarão — e, para o trabalhador, que haverá? É sempre perigoso profetizar, pois ninguém sabe com certeza o que há-de succeder. Mas desta feita podemos estar seguros do que não acontecerá. Vinda a paz, o capitalista não se terá transformado de lobo em cordeiro. No seu modo de tratar os homens que o enriquecem, não haverá mudança alguma; tirará o mais possível e dará o menos que puder. Então os trabalhadores pensarão nos dias de guerra como em dias de promessas que nunca houve intenção de cumprir. Achar-se há abundantes razões para faltar a esses promettimentos de paz na terra e da boa vontade entre patrão e salariado. Essas promessas serão quebradas porque os trabalhadores não fazem uso da força de que dispõem: toda a tragédia está nissol. Os operários tem força para fazer o que querem e tomar o que desejam; mas o inimigo leva-os hábilmente a dissiparem essa força em direcções erradas e em fúteis esforços.

Outrora o patrão temia as uniões de officio; agora emprega-as como arma subtil e poderosa. A lei permite-as, o parlamento patrocina-as, Lloyd George usa-as como sociedades beneficentes subsidiadas pelo Estado; os seus chefes são louvados e presos por agradáveis ocupações até se tornarem cegos conduzindo cegos.

Para o trabalhador não há paz, nem a haverá, enquanto durar a continua e implacavel guerra com o seu inimigo único — o capitalista. O trabalhador pode existir sem o capitalista; este não pode viver sem aquele. Quando compreenderão este facto os operários? Quando perceberão que triunfarão por força, se lutarem apenas, sem tréguas, sem se contentar com meias medidas? Eis o que é preciso que eles entendam e executem. A meio do caminho para a liberdade económica não há pousada.

Urge tombar muitos ídolos dos seus pedestais, derribar lhes os altares, destruir-lhes os padres. Este, por exemplo: que só por um lucro se trabalha. O unico fim legítimo do trabalho é prover ás necessidades e ao decente conforto da vida; nada mais. Trabalhai para viver; não vivais para trabalhar. Quando isso for compreendido pelos trabalhadores — que será então? O começo de melhores tempos.

Oh! mas tudo isto tem sido dito tantas vezes e é tam claro! Sim, com efeito; mas é tam fácil esquecer-nos o que é claro! Esses factos simples, não os empolgou ainda o proletário; gerações sobre gerações tem sido educadas na falsidade. Ensinar aos obreiros a verdade não será obra dum dia; eles mal lhe prestam ouvidos. Os anarquistas tem que encarar este facto capital: temos contra nós uma trágica ignorancia, estamos envolvidos em densas trevas. Temos que vencer essa ignorancia e espantar essa escuridão. Eis porque o primeiro dever do anarquista é a obra prosaica de propaganda: tem que converter os pagãos. Cada um de nós pode fazer um pouco. Está a fazê-lo? Se está, depois — que será? Depois, vamos ao caminho duma vitória que é certa e pode estar mais perto do que julgamos. Se não está, a vitória não chegará jamais.

Londres, julho de 1915.

W. CHIGNMOUTH SHORE.

O papel das «Juventudes»

Alguns amigos tem-me pedido a minha opinião sobre a utilidade e função dos grupos de jovens operários. Dou-a alheio conforme o meu costume, a personalismo tanto mais que, por informações particulares e recentes notas da Aurora, vejo que a questão toma por vezes feição azeda e pessoal, bem pouco própria da educação libertária.

Quanto ás «Juventudes sindicalistas», continuo a pensar como há um ano, quando respondia a amigos que me consultavam a tal propósito. Acho que as «Juventudes sindicalistas» devem ser destinadas a preparar militantes para os sindicatos, insuflando nos jovens o amor ao estudo, dando-lhes a consciencia do seu valor social, da sua situação, dos seus direitos, dos destinos da sua classe, desenvolvendo-os como produtores cuidadosos dos aperfeiçoamentos técnicos e profissionais, educando-os para a acção sob vários pontos de vista.

Esses agrupamentos não devem, pois, recrutar os seus aderentes segundo as ideas, mas segundo a posição social e a idade; não devem admitir unicamente os rapazes de consciencia revolucionária já feita, mas todos os adolescentes de boa vontade, que nisto está a sua principal utilidade e a sua justificação essencial.

São sobretudo esses jovens ainda inconscientes que é preciso afastar da taberna e do lupanar, dos meios em que habitualmente a mocidade se embrutece e alcooliza, desperdiçando doidamente as suas juvenis energias e reduzindo-se progressivamente á condição de instrumentos cegos e passivos nas mãos dos patrões e governantes. São esses que, adaptando-se a associação ás necessidades imperiosas e legítimas da mocidade, é preciso atrair com os desportos sem prémios nem estupididades emulações e desafios, com a música, com o teatro social e educativo, com os passeios e excursões de recreio, confraternização e estudo. São esses sobretudo que é preciso pôr em face dos problemas de emancipação operária e social, em face dos vários aspectos, argumentos e soluções. São esses — especialmente a quem é preciso inculcar a dignidade de produtor, o amor ao trabalho livre, produtivo, inteligente.

Não fica então bem evidente a enorme utilidade das Juventudes sindicalistas? A importância do seu papel, que nem os sindicatos nem os grupos de ideas poderão desempenhar?

Muitos menos justificáveis me pareciam as «Juventudes anarquistas» ou «socialistas». Tomemos as primeiras.

Um grupo, para sem artificio se poder chamar anarquista, tem que ser composto, já não digo de... doutores em anarquismo, mas de individuos que conheçam os elementos essenciais do anarquismo — fins e métodos — e saibam justificar as suas convic-

ções. Se, portanto, as «Juventudes» são muito numerosas e recrutam pela idade, não são anarquistas; o que pode succeder é os «directores» falarem por todos e afixarem uma tabuleta que não corresponde á realidade — o que é pouco libertário. As Juventudes devem nesse caso chamar-se sindicalistas, sindicais ou operárias.

Se os jovens são anarquistas deveras, tem a sua disposição os grupos anarquistas, recrutados por ideas, não por idades, e ainda, para acumular, as Juventudes formadas pelos seus companheiros de trabalho, sem ideas definidas. Nos primeiros, darão o ardor da sua mocidade, recebendo em troca as lições da experiencia; nas segundas, contribuirão com as suas ideas e iniciativas para a educação e acção da mocidade operária.

Devo, porém, confessar que os acontecimentos de há um ano para cá — já lá vai um ano de guerra! — mostraram o valor dos núcleos de jovens idealistas, com organização autónoma, impellido de fora as organizações de «adultos», agindo sem as peias da moderação e incerteza dos fatigados, dos desiludidos, dos encarcerados no círculo das responsabilidades de familia e de politica. Ao menos nos grandes momentos históricos.

A Juventude socialista italiana deu um exemplo brilhante. Mais tarde, os jovens poderão amansar-se, com o cansaço e o desgano, com o peso da responsabilidade do lar e das funções directivas e sobretudo com o parlamentarismo, fonte perene de corrupção e enervamento. Mas agora os rapazes deram boa conta de si, imprimiram ao socialismo um carácter mais enérgico e intransigente e mostraram que, ao menos no seio do socialismo democrático, a organização juvenil autónoma é precisa.

As Juventudes sindicalistas francesas, reduzidas com a guerra a mobilização e a reacção aos seus elementos propulsores, também deram boa prova.

Mas, por pior que seja o valor que esta recente experiencia tenha mostrado nas organizações partidárias de adreços, a grande importância das Juventudes sindicalistas ou operárias não ficou de modo algum diminuída, nem elas deixaram de ser um excelente campo de acção para os jovens militantes do anarquismo. Uma e outras podem perfeitamente viver lado a lado sem hostilidades reciprocas, trabalhando com confiança na tarefa que consideram mais proficua e urgente.

NENO VASCO

A greve na fabrica de botões

Continua na mesma a greve que os operários declararam na fabrica de que é gerente o *companheiro* Silva Lima, vereador socialista. E dizemos que continua na mesma, porque este *senhor*, digno emulo das castas burgueses e politicantes da lusa parvônia, fez publicar nos jornais diários uma noticia segundo a qual os operários que não se apresentassem ao trabalho num determinado dia, seriam considerados despedidos.

Este procedimento reles e infame temo-lo visto usar várias vezes pelos industrialistas que exploram desalmadamente os seus operários. Longe estavamos, porém, de imaginar que um socialista militante, desempenhando demais a mais um cargo de confiança do partido, lançasse mão dele para amedrontar aqueles que no uso legitimo dum direito, fizeram o que há já muito deveriam ter feito.

E' por isso que os operarios, conscientes do papel que representam, ao lerem essa noticia, deliberaram conservar-se unidos e solidários, até que justiça lhes seja feita. A sua causa é uma causa justa e humana; portanto, nada de desfalecimentos nem de tibiezas. O caminho é para a frente.

Tendo os jornais noticiado que fora agredido pelos grevistas um professor de ensino livre, comunicamos a respectiva associação que isso é redondamente falso, pois o pode provar com documentos.

Notas de perto

XVI

Meu Caro C

A guerra, a estúpida guerra, ha quase um ano que, para gaudio dos patrioteiros de todos os lados das fronteiras, vem enchendo de sangue os fertes campos da terra, destruindo o que com tanto suor e tanta privação se tem acumulado e produzido durante gerações inteiras. Não sei de coisa mais feioz e mais estúpida que tão horrorosamente revele o estado da tola civilização dos nossos dias e que tão tristemente nos mostre como as classes burguesas e financeiras tripudiam sobre a ignorancia e ainda mais sobre a cobardia dos trabalhadores que os mantêm.

Que, afinal, as guerras são possíveis porque o *Não matarás* é uma lèria bíblica e os que trabalham, eternos servidores dos outros, obedecem, obedecem sempre aos caprichos alheios. Ha quase um ano que a estúpida guerra leva a miséria e o luto a toda a parte simplesmente porque se obedece, até para matar.

Mostras desta obediencia e dessa cobardia são bem reveladas nas cartas que seguem a proposito do que entre soldados se passou nas trincheiras durante o Natal. Já lá vai tanto tempo e devias ter ouvido falar nisto, mas que elas façam esta *Nota* maior do que de costume visto que elas devem aqui figurar. Lê:

«Muitos dos nossos rapazes saíram a encontrar-se com os alemães entre as duas linhas. Eu fui de tarde fotografar-me em grupo com ingleses e alemães. Trocámos *souvenirs*. Recebi uma fita e uma fotografia do príncipe da Bavaria. Os alemães opostos a nós eram muito decentes amigos, Saxonês, homens inteligentes e de apparencia respeitavel. Eu tive uma bela conversação com três ou quatro, e tenho dois nomes e endereços no meu livro de notas. Por a mais extranha cena que poderia imaginar — fr desarmado ao encontro do inimigo; também desarmado. Depois da nossa conversação, parecia realmente muito de como as noticias dos nossos jornais devem ser horrivelmente exageradas.»

Carta enviada por seu filho a Mr. J. T. Griffiths, de Stamford Hill.

«Soldados alemães e ingleses saíram das suas trincheiras e breve formaram pequenos grupos por todo o lado, trocando bebidas e comida de toda a espécie. Foi um espectáculo dos mais extraordinários. Em muitos casos o importante não foi somente que os soldados não iam para as suas trincheiras mas em alguns foi que eles não obedeciam e houve grupos divertindo-se nas escavações hostis. Arranjaram-se jogos de football em algumas partes da linha em que eu estava.»

Informação de um oficial para o *Herald* de Glasgow.

«...o official alemão pediu uma trégua e pediu ao official inglês para que fosse ter uma palestra. Arriscaram-se, e eventualmente os soldados de ambos os lados saíram também e reuniram-se amigavelmente em divertimentos. Interrogados sobre o que eles pensavam da guerra, um dos alemães, falando excelente inglês, respondeu que estavam «—bem fartos.» Desejamos felicidades uns aos outros, voltando ás respectivas trincheiras, e imediatamente começamos (de maneira amigavel!) experimentando chamuscarnos uns aos outros. Parece engraçado, mas é absolutamente verdadeiro.»

Descrição de um sargento do Dragoon Guards, no *Weekly Mail*.

«No dia de Natal os alemães estavam ainda mais amigaveis, pois eles pediam ao longo de toda a linha para que saíssemos e lhe fossemos falar, o que eles fizeram, e durante a maior parte do dia não houve senão grupos de Sea-forths e alemães apertando as mãos e batendo nas costas uns aos outros, bebendo incidentalmente juntos, do que os alemães pareciam estar bem fornecidos e nós não tinhamos nada. Alguns dos nossos officiaes saíram também; um tirou mesmo um instantâneo de um grupo dos nossos fraternizando com os alemães. Disseram-nos que não fariam fogo sobre nós,